

CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS EM AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM: TEORIA LINGÜÍSTICA, PRÁTICA CLÍNICA E INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

CONTRIBUTIONS OF THE LANGUAGE ACQUISITION STUDIES: LINGUISTIC THEORY, CLINICAL PRACTICE AND PEDAGOGICAL INTERVENTION

CONTRIBUCIONES DE LOS ESTUDIOS ACERCA DE LA ADQUISICIÓN DEL LENGUAJE: TEORÍA LINGÜÍSTICA, PRÁCTICA CLÍNICA E INTERVENCIÓN PEDAGÓGICA

Jean Carlos da Silva Gomes¹

Resumo: Nesta revisão da literatura, discutimos as contribuições que estudos de aquisição da linguagem, realizados no âmbito da Linguística, da Fonoaudiologia e da Educação, apresentam para além de seus objetivos primários relacionados à descrição do processo de incorporação do idioma pelas crianças. Apresentamos duas grandes contribuições, uma para a teoria linguística e outra para intervenções clínicas e pedagógicas. Quanto à primeira, discorremos sobre a contribuição de estudos de aquisição de L1 na descrição da categorização dos sons nas línguas, na validação de princípios da gramática universal, na verificação da hierarquia sintática de categorias funcionais na representação mental, na formulação de hipóteses sobre a perda linguística e seu espelhamento com a aquisição e no entendimento do processo de mudança linguística. Quanto à segunda, discorremos sobre como estudos de aquisição podem colaborar na diferenciação da aquisição típica e atípica, bem como diferenciar tipos de patologias linguísticas, como atraso na linguagem e desvio fonológico, além de discutir sobre a colaboração no entendimento das dificuldades dos indivíduos em processo de alfabetização.

Palavras-chave: Aquisição de linguagem. Teoria linguística. Prática clínica fonoaudiológica. Linguística e ensino. Áreas de atuação da Linguística.

Abstract: In this literature review, we discuss the contributions that language acquisition studies, carried out within the scope of Linguistics, Speech Therapy and Education, present beyond their primary objectives related to the description of the process of language incorporation by children. We present two major contributions, one for linguistic theory and the other for clinical and pedagogical interventions. As for the first, we discuss the contribution of L1 acquisition studies in the description of the categorization of sounds in languages, in the validation of principles of universal grammar, in the verification of the syntactic hierarchy of functional categories in mental representation, in the formulation of hypotheses about linguistic impairment and its relationship with the acquisition and in understanding the process of linguistic change. As for the second, we discuss how acquisition studies can collaborate in differentiating typical and atypical acquisition, as well as differentiating types of linguistic pathologies, such as language-delayed children and phonological disorders, in addition to discussing collaboration in understanding the difficulties of individuals in the process of literacy.

¹ Universidade da Força Aérea (UNIFA) / Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre e Doutorando em Linguística, Licenciado e Bacharel em Letras: Português-Espanhol. E-mail: gomes.jean@outlook.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4022-0580>.

Keywords: Language acquisition. Linguistic theory. Speech therapy clinical practice. Linguistics and teaching. Linguistics practice areas.

Resumen: En esta revisión de literatura, se exponen las contribuciones que presentan los estudios de adquisición del lenguaje, realizados en los campos de la Lingüística, de la Terapia del lenguaje y de la Educación, que van más allá de sus objetivos primarios relacionados con la descripción del proceso de incorporación del lenguaje por niños. Se discuten dos grandes contribuciones, una relacionada a la teoría lingüística y otra a las intervenciones clínicas y pedagógicas. En cuanto a la primera, se discute la contribución de los estudios de adquisición de L1 a la descripción de la categorización de sonidos en las lenguas, en la validación de los principios de la gramática universal, a la verificación de la jerarquía sintáctica entre categorías funcionales en la representación mental, a la formulación de hipótesis acerca del deterioro del lenguaje y su relación con la adquisición y a la comprensión del proceso de cambio lingüístico. En cuanto a la segunda, se discute cómo los estudios de adquisición pueden contribuir a la diferenciación del desarrollo lingüístico típico y atípico, así como en diferenciar patologías lingüísticas, como retraso del lenguaje y trastornos fonológicos, además se discurre sobre la colaboración en la comprensión de las dificultades de los individuos en el proceso de alfabetización.

Palabras-clave: Adquisición del lenguaje. Teoría lingüística. Práctica clínica en terapia del lenguaje. Lingüística y enseñanza. Áreas de actuación de la Lingüística.

1 Introdução

Este texto destina-se a novos estudantes, pesquisadores e pessoas interessadas em entender melhor as contribuições da realização de estudos de aquisição da linguagem. Espera-se que as informações contidas neste manuscrito possam fornecer um breve inventário de motivos que engajem e encorajem o desenvolvimento de novas pesquisas que podem contribuir com o atual cenário científico da linguística e outras áreas de estudo correlatas, como a fonoaudiologia e a educação.

A linguagem tem sido entendida como uma propriedade exclusiva dos seres humanos, sendo um dos fatores que mais a diferenciam dos outros animais (HAUSER *et al.*, 2002; CUNHA *et al.*, 2008). Logo, estudar a linguagem pode ser considerado uma das mais interessantes formas de contribuir para o entendimento dos mecanismos que subjazem a organização da espécie.

Nessa direção, é bastante comum que perguntas sobre o funcionamento lingüístico surjam, uma vez que as respostas a elas poderiam fornecer um inventário complexo sobre a organização mental e também social dos indivíduos. Dentre essas perguntas, uma das que recebeu maior destaque ao longo da história da Linguística diz respeito ao questionamento sobre como as crianças aprendem a falar de maneira tão rápida e natural. Em termos científicos, busca-se investigar como a criança adquire a linguagem.

Com isso, diversos modelos teóricos sobre a aquisição de linguagem foram postulados, desde aqueles em que se atribui um maior peso a fatores biológicos, como a proposta gerativista (CHOMSKY, 1959; LENNEBERG, 1967), àqueles em que se destaca uma maior atenção a fatores sociocomunicativos, como a proposta sociocognitivista (TOMASELLO, 1999). Essas duas parecem ganhar maior destaque nos estudos realizados dentro da Linguística. Ainda assim, outras propostas foram apresentadas também na literatura sobre o assunto, como a behaviorista (SKINNER, 1957), a construtivista (PIAGET, 1978), a interacionista (VYGOTSKY, 1996), a conexionista (ROHDE e PLAUT, 1999) e outras mais.

É importante ressaltar que as fronteiras entre as diversas áreas de estudo na ciência, ainda que muitas vezes reforçadas por certas práticas metodológicas, são, de certa maneira, tênues. Com base nesse preceito, pode-se afirmar que os resultados e conclusões de estudos de diversas áreas apresentam contribuições para além dos limites estabelecidos primariamente por seus idealizadores. No que diz respeito à investigação sobre a aquisição da linguagem, destaca-se que os dados obtidos em estudos realizados nesse escopo são capazes de produzir também uma base para o entendimento da organização mental da linguagem, além de fornecer subsídios para aplicações práticas, como aquelas caracterizadas como fonoaudiológicas ou pedagógicas.

Neste artigo de revisão da literatura, apresentamos as possíveis contribuições do estudo da aquisição de linguagem que extrapolam as fronteiras previamente definidas à sua realização, ou seja, que não se limitam à descrição do processo de incorporação de estruturas e capacidades linguísticas pelas crianças em seu conhecimento. Por isso, na primeira seção deste manuscrito, discutiremos sobre a colaboração dessas pesquisas para a formulação de teorias linguísticas, e, na segunda seção, para intervenções clínicas e pedagógicas destinadas ao público infantil; por fim, na última seção, apresentamos as considerações finais do estudo.

2 Contribuições para a teoria linguística

De acordo com Grodzinsky (1999), a formulação de uma teoria da linguagem deve obedecer a uma adequação neurológica, sendo compatível com as estruturas das línguas, o processamento linguístico, a aquisição de linguagem e seu comprometimento em caso de sujeitos que são acometidos por patologias linguísticas. Nessa direção, entendemos que uma explicação do funcionamento da linguagem deve ser coerente com o que se observa no processo de aquisição pelas crianças, de modo que a observação desse decurso forneça evidências para o entendimento da organização do conhecimento linguístico.

Nesta seção, discorreremos sobre algumas contribuições que o estudo da aquisição de linguagem já pôde fornecer para a formulação de teorias linguísticas, ou seja, para a compreensão do funcionamento da linguagem. Mais especificamente, revisamos resultados de pesquisas que mostram como a descrição da expressão linguística infantil colaborou na explicação da organização interna dos sons nas línguas, na verificação da hierarquia sintática estabelecida entre categorias funcionais na representação mental, na validação de regras universais da linguagem, na formulação de hipóteses sobre a deterioração linguística e na compreensão do processo de mudança linguística.

Inicialmente, discorreremos sobre o primeiro ponto: *a contribuição dos estudos de aquisição na descrição da organização interna dos sons das línguas*. Um dos primeiros estudos a relacionar a aquisição de linguagem e uma descrição dos sons foi o elaborado por Jakobson (1941), com base na linguística estruturalista. Em seu livro “*Child Language, Aphasia and Phonological Universals*”, o autor, apresentando uma sistematização do ordenamento da aquisição de oposições fonológicas, defendeu que tal sistematização é consistente e previsível nas línguas de maneira geral.

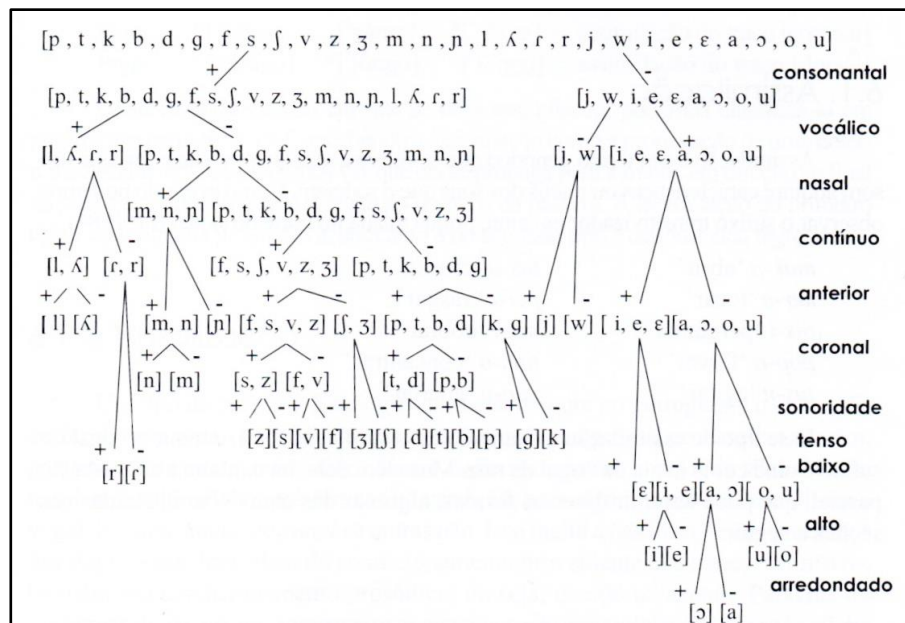
Jakobson (1941) postulou, a partir dos dados descritos em seu material, diversas leis que implicam uma classificação de sons a partir do estabelecimento de traços distintivos, argumentando que as unidades fonológicas podem ainda dividir-se em outras menores diferenciadoras entre elas. No que tange à aquisição, esse autor defendeu que a primeira oposição operada pela criança, no âmbito das consoantes, é a que difere sons orais e nasais, enquanto, no âmbito das vogais, é a oposição estabelecida entre abertas e fechadas. Em seu material, descreveu que a aquisição de sons não ocorre de maneira aleatória, mas sim por meio da dominância da oposição de traços.

Dados do processo de aquisição fonológica do português, descritos por Lamprecht *et al.* (2004), parecem corroborar tais afirmações. Nessa língua, as crianças adquirem mais precocemente consoantes oclusivas e nasais, que marcam a oposição entre sons orais e nasais, e as vogais /a/ /i/ /u/, que marcam a oposição entre vogais abertas e fechadas. Somente depois, outras oposições são observadas na produção das crianças.

Esses dados corroboram a proposta de que a caracterização dos sons não pode limitar-se a uma diferenciação entre fonemas, mas sim a um conjunto de características abstratas que os diferenciam, ou seja, os traços distintivos. O estudo da aquisição parece reforçar a necessidade de tal postulação e classificação desses itens na fonologia. É importante ressaltar que ainda não há um consenso quanto aos tipos de traços existentes, posto que, na literatura, diversas propostas já foram formuladas, como as de Jakobson *et al.* (1952), Chomsky e Halle (1968) e Clements e Hume (1995).

Abaurre (1992) elaborou uma esquematização dos fonemas do português brasileiro a partir de traços fonológicos em forma de árvore. Tal representação pode ser observada na figura 1, a seguir, extraída de Souza e Santos (2002).

FIGURA 1 – Organização dos fonemas do português brasileiro a partir de traços distintivos.



Fonte: Souza e Santos (2002, p.47).

Nessa representação, é possível verificar que uma das oposições mais básicas é a que caracteriza a distinção entre sons vocálicos e consonânticos. Em seguida, diferenciam-se os sons orais e nasais. Ainda que a autora não apresente uma proposta de hierarquia mental das oposições, é interessante ressaltar que sua proposta assemelha-se à de Jakobson (1941) quanto à prioridade da distinção de itens fonológicos estabelecida na aquisição de língua materna.

Além disso, estudos psicolinguísticos de percepção da fala em crianças também apresentam uma grande contribuição para tal discussão. Dunbar e Idsardi (2016) realizaram uma revisão da literatura sobre estudos de aquisição fonológica com uso dessa metodologia e, em suas discussões, destacaram que a aquisição dos segmentos dá-se por meio de traços distintivos.

Como exemplificação, podemos retomar o estudo de Altvater-Mackensen e Fikkert (2010), cujos resultados indicaram que as crianças passam por estágios da aquisição fonológica e a compreensão de certas distinções silábicas dependem da relação entre os traços distintivos presentes na consoante e na vogal. Como exemplo, pode-se destacar que, em um estágio da aquisição, a criança pode ser capaz de compreender a diferença entre pares como /ba/ e /da/, visto que ambos apresentam o traço DORSAL, mas não a oposição /bɪ/ /dɪ/, porque a diferença entre o traço LABIAL marcado e o traço harmônico CORONAL não-marcado pode não ser ainda detectada nessa fase.

Estudos como esses apresentam relevância para a discussão acerca da interação entre os traços fonológicos na estrutura das línguas bem como contribuem para o entendimento de seu papel na composição da sílaba. Além disso, colaboram na investigação sobre a função exercida pelos itens fonológicos no reconhecimento de palavras e no acesso lexical.

Dessa forma, vale reforçar que o estudo da aquisição fonológica contribui para o fornecimento de uma base adequada para a descrição do inventário de fonemas e sua organização interna em uma língua, bem como a descrição dos traços que os caracterizam. No próximo tópico, seguimos com uma discussão sobre a contribuição para o entendimento da linguagem na mente, porém, desta vez, o foco recai sobre informações de natureza sintática. Mais especificamente, discorre-se sobre *a contribuição dos estudos de aquisição da linguagem para validação de princípios da gramática universal*.

Defende-se, na teoria gerativa, que todo ser humano possui uma Gramática Universal, dispositivo inato que permite a aquisição da linguagem, que contém princípios, regras gramaticais universais, e parâmetros, conjunto limitado de variações linguísticas possíveis (CHOMSKY, 1986; KATO, 2002). Chomsky, inaugurador dessa teoria, desenvolveu diversos trabalhos mostrando como as muitas línguas do mundo possuem semelhanças no âmbito da sintaxe e, com isso, defendeu que há informações linguísticas inatas predeterminadas geneticamente.

Levando em consideração que os princípios sejam regras universais, ou seja, observadas em todas as línguas do mundo, não devendo em hipótese alguma ser desobedecidos, entende-se que, mesmo na produção de crianças em período de aquisição de linguagem, esses estão presentes. Diversos estudos evidenciam que os princípios não são violados na gramática de crianças (CHOMSKY, 1988; CONROY e THORTON, 2005; ADLER, 2006; GROLLA, 2013). Como exemplificação, revisamos o estudo de Grolla (2013), em que se buscou verificar a validade de um desses princípios a partir de dados de aquisição do português brasileiro.

Essa autora, em seu estudo, investigou a aquisição do Princípio C da Teoria da Ligação, aquele em que se afirma que uma expressão referencial² deve ser livre (CHOMSKY, 1981), de modo que não deva possuir antecedentes nem em seu domínio de regência nem em qualquer outra oração em que esteja inserido. Assim, em uma oração como “Ele adora o João”, não é autorizada a interpretação em que “Ele” e “João” sejam as mesmas pessoas. Caso isso ocorra, haveria a violação do Princípio C.

Para verificação da validade de tal regra na aquisição, Grolla (2013) aplicou uma tarefa de julgamento de gramaticalidade e uma de julgamento de valor de verdade a crianças em idade pré-

² De acordo com Mioto *et al.* (2013), uma expressão referencial caracteriza-se pela autonomia referencial, de modo que não se precise de um antecedente.

escolar entre quatro anos e crianças de seis anos e seis meses de idade adquirindo o português brasileiro como língua materna. A seguir, é possível observar um exemplo de estímulo alvo no teste de julgamento de valor de verdade, extraído de Grolla (2013, p. 20). Nessa tarefa, a criança deveria afirmar se a fala do fantoche era verdadeira ou não frente à narrativa escutada anteriormente, como se pode ver a seguir:

Experimentador: Nessa história, a Cinderela e a madrasta foram a um baile no castelo do príncipe. Na hora de ir embora, a madrasta desceu a escada desajeitada e quase que um sapato saiu do pé dela, mas não saiu. Mas a Cinderela estava com muita pressa e, quando ela descia a escada, o sapatinho dela ficou lá.

Fantoche: Já sei o que aconteceu! Ela perdeu o sapatinho quando a Cinderela desceu a escada.

Criança: Verdadeiro/Falso.

Caso a criança afirmasse que a sentença é verdadeira, ela estaria violando o princípio C da teoria da ligação, posto que indicaria a compreensão de que a expressão referencial “Cinderela” está conectada a um antecedente que a c-comanda. Por outro lado, caso a criança afirmasse que a sentença é falsa, não haveria violação do princípio C, indicando que ela interpretou a expressão referencial como livre na sentença e que o pronome “ela” refere-se, na verdade, à “madrasta”.

Os resultados obtidos por Grolla (2013) demonstraram que a maioria das crianças rejeita as violações do princípio C em sentenças simples sem encaixamento (“Ele_i está lavando o elefante_i”), enquanto, em sentenças encaixadas (“Ele_i buzinou quando o cachorro_i andou de carro”), as crianças apresentam um desempenho no nível da chance, rejeitando apenas metade. A autora discutiu que tais dados indicam que as crianças possuem o conhecimento relacionado ao princípio C em sua gramática mental, caso contrário, deveria haver aceitação de 100% das sentenças.³ Tal panorama foi também observado em estudos que contavam com a participação de crianças falantes nativas do inglês (CONROY e THORNTON, 2005; ADLER, 2006), o que ressalta a validade das afirmações reproduzidas.

Diversas outras investigações também comprovam o papel que o estudo da aquisição de linguagem apresenta na validação de outros princípios, como, por exemplo, o princípio B da teoria da ligação, havendo dados de diversos idiomas, como inglês (ELBOURN, 2005); português (CRISTÓVÃO, 2006), euskera (ASPIROZ e SEGUROLA, 2012), espanhol (BAAUW, 2002) etc. Dessa forma, a partir desses exemplos, parece plausível afirmar que o estudo da aquisição da

³ Ver Grolla (2013, p.30-31) para verificar argumentação sobre os fatores sintáticos que influenciam na avaliação feita pelas crianças acerca de sentenças encaixadas.

linguagem pode apresentar contribuições para a validação de regras universais denominadas princípios na teoria gerativa.

Ainda no que tange à sintaxe, é válido ressaltar como os estudos sobre a incorporação de uma língua materna por parte das crianças pode fornecer *evidências para o entendimento da hierarquia estabelecida entre categorias funcionais*, culminando em discussões mais profundas sobre a representação sintática dessas categorias na gramática mental, como dissertamos nos parágrafos a seguir.

A teoria gerativa busca explicar as relações sintáticas que se estabelecem na sentença. Entende-se que o conhecimento dessa natureza encontra-se organizado de maneira hierárquica na gramática mental (CHOMSKY, 1957). Uma das formas adotadas nesse modelo teórico para representar essa hierarquia é a partir da formulação de um diagrama em formato arbóreo, conhecido como árvore sintática. Esse modelo permite que seja feita uma representação esquemática do conhecimento entendido como internalizado na mente dos sujeitos.

O advento do Programa Minimalista, o modelo de investigação mais atual dessa teoria em sua base lexicalista, contribuiu para dar uma maior ênfase dos estudos gerativistas no conhecimento estruturado no módulo essencialmente linguístico relacionado às categorias funcionais (CHOMSKY, 1995). Ouhalla (1991) destaca que essas categorias são as que determinam a representação estrutural das construções e os processos gramaticais que podem ocorrer nas sentenças.

Algumas categorias funcionais são representadas por sintagmas na árvore sintática, como tempo, aspecto, modo etc (POLLOCK, 1989; CHOMSKY, 1995; CINQUE, 1999). A hierarquia entre essas categorias tem sido foco de diversos estudos dentro da teoria gerativa (CINQUE, 1999; BRAGA, 2004; GOMES *et al.*, 2021). Para exemplificar como os estudos de aquisição contribuem para tal discussão, revisaremos alguns trabalhos que versam sobre a hierarquia estabelecida entre duas categorias que apresentam uma extensiva interação: tempo e aspecto. Essas são, respectivamente, representadas no sistema arbóreo como alocadas nos sintagmas de TP e AspP, segundo Bok-Bennema (2001) e Braga (2004).

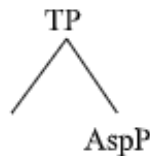
Lessa (2015) e Araújo (2015) buscaram investigar a aquisição de tempo e aspecto por crianças falantes nativas do português brasileiro. Em seus resultados, observaram que as crianças utilizavam as morfologias verbais primeiramente associada a valores aspectuais e, somente depois, a informações temporais. Com isso, concluíram que a categoria de aspecto foi adquirida antes da categoria de tempo, resultados que seguem na mesma direção do observado em estudos sobre aquisição de outras línguas, conforme descrevem Andersen e Shirai (1996).

Para a discussão dos dados, as autoras tomaram como base a Hipótese Maturacional, proposta gerativista que defende que “os diferentes princípios da gramática universal são

geneticamente programados para entrarem em operação em diferentes estágios da maturação biologicamente predeterminados” (RADFORD, 1993, p. 274). No que diz respeito à aquisição de categorias funcionais, nesse modelo, defende-se que, na medida em que a criança adquire uma determinada categoria, essa incorpora-se ao sistema linguístico que possui, somando-se ao inventário já existente.

Assim, conforme a criança adquire as categorias funcionais, os sintagmas referentes a elas são inseridos em sua gramática, de modo que categorias adquiridas mais precocemente encontram-se em posições mais baixas na representação estrutural enquanto as adquiridas mais tardiamente encontram-se mais acima. Nessa direção, Lessa (2015) e Araújo (2015), ao verificar que aspecto era adquirido antes de tempo, argumentaram que o sintagma de tempo (TP) dominaria o sintagma de aspecto (AspP) na representação mental, como ilustrado na figura 2, a seguir.

FIGURA 2 – Hierarquia sintática de TP e AspP na representação mental.



Fonte: Elaborado pelo autor.

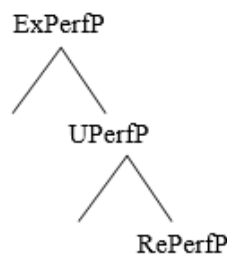
Dessa forma, entende-se que, uma vez que a categoria de aspecto tenha sido primeiramente adquirida, o sintagma referente a esse conceito foi mais precocemente inserido na gramática da criança e, somente após, o conhecimento de tempo é adquirido, garantindo a interpretação de que TP domina AspP. Tal argumentação sobre o entendimento da representação mental de tempo e aspecto toma como base resultados de estudos de aquisição de L1, o que salienta a afirmação de que os estudos dessa natureza podem contribuir para o entendimento da organização mental interna da linguagem.

Para além da descrição da hierarquia entre sintagmas, alguns estudos usam como base os dados obtidos sobre a aquisição para a proposição de sintagmas na árvore sintática, ou seja, aqueles que ainda não se encontram descritos na literatura. Para exemplificação de tal fenômeno, podemos retomar o estudo de Rodrigues e Martins (2019), que tinha por objetivo verificar a aquisição do aspecto *perfect*⁴ no português do Brasil.

⁴ O aspecto *perfect*, quando associado ao presente, diz respeito a uma situação que se iniciou ou ocorreu no passado e persiste ou tem relevância no presente. Diversas subdivisões para esse aspecto já foram propostas na literatura sobre o assunto. No trabalho de Rodrigues e Martins (2019), relata-se a que o subdivide em três tipos: universal, resultativo e experiencial.

Em seus resultados, as autoras verificaram que há uma ordem para aquisição dos subtipos desse aspecto, de modo que, primeiramente, a criança adquire o valor resultativo, em seguida, o valor universal e, somente depois, o valor experiencial. Com isso, empreenderam uma discussão na qual defenderam a necessidade de postulação de uma nova representação do aspecto *perfect*, diferentemente das já apresentadas na literatura (NESPOLI, 2018), postulando a existência de três sintagmas na representação mental, são eles: ExPerfP, referente ao valor experiencial, UPerfP, referente ao valor universal, e RePerfP, referente ao valor resultativo. A hierarquia estabelecida entre eles, descrita a partir da ordem de aquisição, é a representada na figura 3, a seguir, de modo que os valores primeiramente adquiridos encontram-se mais abaixo no modelo arbóreo.

FIGURA 3 – Hierarquia sintática de ExPerfP, UPerfP e RePerfP na representação mental



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ainda sobre a investigação da ordem da aquisição, podemos ressaltar outra contribuição que esse tipo de estudo pode trazer. Do ponto de vista biológico, parece plausível afirmar que o contraponto da aquisição da linguagem no decurso da vida humana é a perda dessa capacidade. De acordo com as pesquisas que revisamos a partir deste ponto no texto, é possível ver que *o estudo da aquisição fornece uma base adequada para a formulação de hipóteses sobre a perda linguística*.

Indivíduos podem apresentar uma deterioração linguística devido ao acometimento de patologias ocasionadas por lesões cerebrais, como as afasias (JAKOBSON, 1941; GRODZINSKY, 1999; BRAGA, 2004), ou por neurodegeneração cerebral, como a Doença de Alzheimer (GROBER e BANG, 1995; GOMES *et al.*, 2021) e as Afasias Progressivas Primárias (MESULAM, 1982; GOMES *et al.*, 2021). De acordo com Ribot (1887), a ordem do desenvolvimento da linguagem é inversamente espelhada pela ordem da perda. Ou seja, quanto mais tarde um determinado conhecimento é adquirido, mais suscetível à perda ele está no comprometimento linguístico. Essa proposta foi mais bem baseada com estudos da fonologia realizados por Jakobson (1941), o que culminou na formulação de um modelo conhecido como Hipótese da Regressão.

Essa hipótese indica que a ordem da perda da linguagem segue o mesmo caminho à da aquisição de L1, porém na direção oposta. Jakobson (1941) mostrou que as crianças adquirem

certas distinções fonológicas como [+LABIAL] e [-LABIAL] antes da distinção de outras características como [+VOICED] e [-VOICED]. Por outro lado, os indivíduos acometidos pela Afasia de Broca seguiam na direção contrária, perdendo a distinção [\pm VOICED], mas mantendo a distinção [\pm LABIAL] em seu conhecimento.

Grodzinsky (1990), por sua vez, apresentou pequenas divergências quanto ao que foi proposto por Jakobson (1941). Suas discussões geraram o que ficou conhecido como Princípio do Subconjunto, segundo o qual se supõe que cada estágio da aquisição da linguagem seja caracterizado por uma gramática específica e que, com a alteração na configuração dos parâmetros, o sistema linguístico se move de uma gramática para outra. Assim, a perda linguística refere-se à deterioração reversa desses estágios.

Apesar das diferenças existentes em suas afirmações, Jakobson (1941) e Grodzinsky (1999) convergem no que diz respeito ao entendimento da perda como um processo espelhado ao da aquisição, de modo que categorias primeiramente adquiridas sejam mais tardiamente perdidas. Pretendemos ilustrar tal fenômeno, neste artigo, por meio de exemplos relacionados às categorias de tempo e aspecto, tendo em vista que já foram apresentadas ao longo desta seção.

Como dito anteriormente, os estudos de Andersen e Shirai (1996), Lessa (2015) e Araújo (2015) convergiam na afirmação de que a categoria de tempo era adquirida após a de aspecto.⁵ Em um estudo sobre a perda da linguagem em uma paciente diagnosticada como portadora da Afasia Progressiva Primária Logopênica, realizado por Gomes *et al.* (2021), observou-se que a paciente apresentava um comprometimento que atingia a noção de tempo, mas não a de aspecto. Uma comparação entre esses estudos indica que a categoria mais tardiamente adquirida foi mais precocemente afetada.

Nessa direção, o autor, a partir de dados de perda, assim como Lessa (2015) e Araújo (2015), a partir de dados de aquisição, defendeu que o sintagma de tempo (TP) encontrava-se em camadas mais altas da árvore sintática enquanto o de aspecto (AspP) encontrava-se em camadas mais baixas. Desse modo, é possível ver que a combinação de dados de aquisição e perda fornecem um exaustivo material para discussão sobre a representação sintática de categorias funcionais.

Também no que diz respeito ao *perfect*, Gomes *et al.* (em preparação) realizaram um estudo com o objetivo de investigar se esse aspecto poderia ser afetado no conhecimento de pacientes diagnosticados como portadores de Alzheimer. Com isso, compararam a fala espontânea de três sujeitos em graus diferentes da doença. Em seus resultados, verificaram que a noção mais

⁵ Apesar de alguns autores como Correa (1999) defenderem que a aquisição de categorias verbais e nominais depende de características das línguas, estudos como os de Sigurdsson (2004) evidenciam que o inventário de categorias funcionais enquanto conhecimento representado na faculdade da linguagem é universal. Dessa forma, a diferença entre as línguas reside apenas na forma como tais categorias são expressas linguisticamente e não em seu inventário.

preservada no conhecimento dos pacientes foi a de valor resultativo, aquela descrita como primeiramente adquirida pelas crianças no estudo de Rodrigues e Martins (2019), conforme descrito acima.

Assim, vale salientar que a relação do espelhamento entre aquisição e perda parece ser reforçada a partir dos dados descritos nesses estudos. Com isso, destacamos que uma das contribuições do estudo da aquisição é fornecer um material adequado para a formulação de hipóteses sobre a perda linguística, uma vez que a ordem de incorporação de determinadas categorias na gramática da criança pode ser prevista de maneira espelhada no comprometimento da linguagem em sujeitos adultos.

Por fim, outra contribuição para a teoria linguística diz respeito a como *os estudos de aquisição podem colaborar no entendimento acerca da mudança linguística*. Já no fim do século XIX, os neogramáticos atribuíam a mudança linguística a uma inovação realizada pelas crianças no dialeto dos pais (CORRÊA, 2011), mostrando uma relação entre esses dois temas de estudo. Esse legado permaneceu nos estudos linguísticos do século posterior, tendo sido adotado e aprimorado principalmente pelos pesquisadores gerativistas.

Autores como Kiparsky (1968), King (1969) e Lightfoot (1991; 2020) atribuem à aquisição a explicação sobre o modo como ocorre a mudança linguística. De acordo com esses pesquisadores, as inovações nas gramáticas dos adultos podem ser entendidas como regras no processo de formação da gramática particular da criança. Levando em consideração que, de acordo a teoria gerativa, o *input* que a criança recebe é associado a regras inatas biologicamente determinadas para a formação da gramática do sujeito, entende-se que as variantes que a criança escuta com mais frequência poderão ser entendidas como as mais salientes em sua gramática particular posteriormente. Logo, nessa perspectiva, a mudança linguística se estabelece durante o processo de aquisição.

Nessa direção, as inovações linguísticas parecem influenciar o desenvolvimento de uma Língua-I, aquela entendida como individual, exclusiva de um sujeito. Quando diversos falantes possuem uma determinada variante como mais saliente na Língua-I, essa torna-se mais frequente também na Língua-E, aquela compartilhada por um conjunto de falantes. Corrêa (2011), ao discorrer sobre o assunto, afirma que:

para os gerativistas o momento da aquisição da linguagem é o momento de ocorrerem as mudanças em uma “língua social” (isto é, de uma língua não individual, mas observada ao longe, de um modo genérico), pois, uma vez

internalizada uma gramática, ela permanecerá a mesma para sempre. (CORRÊA, 2011, p. 32).

Pode-se dizer, portanto, que a mudança linguística, nessa teoria, é explicada a partir dos conceitos de *input*, parâmetros e Gramática Universal (LOPES e CARVALHO, 2019). Lightfoot (2003) exemplifica tal proposta a partir da mudança linguística no papel temático de complementos de verbos como *to like* no inglês. Nesse caso, estruturas como *Apples like me* evoluíram para aquelas como *I like apples*. O autor explicou que tal fenômeno de mudança não poderia ser decorrente de uma mera idiosincrasia que se propaga na comunidade de fala, mas seria decorrente do processo de reorganização dos parâmetros durante a aquisição, que, posteriormente, incorpora-se à Língua-E.

Assim, observa-se que a investigação do processo de aquisição de língua materna, por meio da verificação das formas mais frequentes na produção da criança, pode fornecer um material relevante para a discussão acerca da mudança linguística. Além de contribuições relacionadas à formulação de teorias linguísticas, como visto ao longo desta seção, é válido ressaltar também a importância desses estudos para a proposição de intervenções clínicas e pedagógicas, como será descrito na seguinte seção deste artigo.

3 Contribuições para intervenções clínicas e pedagógicas

Para além de contribuições para o entendimento da linguagem, o estudo da aquisição apresenta também colaborações de cunho prático, que podem, muitas vezes, culminar na elaboração de intervenções diretas com o público infantil. Ao longo desta seção, discorreremos sobre duas delas: aquelas que dizem respeito à prática clínica fonoaudiológica e aquelas que se relacionam com a prática pedagógica.

Com relação à prática clínica, é importante recordar que diversas patologias podem acometer a fala infantil, como o Transtorno de Desenvolvimento da Linguagem (TDL)⁶, Atraso na Linguagem, Desvio fonológico etc (SCHIRMER *et al.*, 2004). A diferenciação no diagnóstico desses distúrbios só é possível a partir de uma comparação com o quadro de aquisição considerado saudável. Logo, sem o estudo do processo de aquisição típica, não seria possível compreender a natureza das alterações causadas por essas patologias. Nessa direção, é adequado afirmar que uma das primeiras

⁶ Tal patologia já foi nomeada como Déficit Especificamente Linguístico, tendo sido usada a sigla DEL para referir-se a ela (HERMONT, 2005).

contribuições do estudo de aquisição da linguagem para a prática clínica é a diferenciação entre uma produção típica e uma produção atípica da fala infantil.

A patologia TDL caracteriza-se por um déficit apresentado pelas crianças na aquisição e desenvolvimento da linguagem sem que seja decorrente de uma lesão cerebral, síndromes ou perdas auditivas ou acompanhado de alterações cognitivas gerais (CÁSSERTES-ASSENÇO *et al.*, 2020). Dentre os sintomas que os pacientes podem apresentar encontram-se *output* verbal esparso (menos que 50 palavras por minuto), considerável esforço para produzir palavras, articulação pobre de sons da fala, tendência a produzir frases de comprimento pequeno, disprosódia, tendência a usar somente palavras de conteúdo significativas e agramatismo (BENSON e GESCHWIND, 1985).

O diagnóstico de TDL só pode ser feito a partir da observação de expectativas que ainda não foram atingidas na produção da criança em uma determinada idade (BENSON e GESCHWIND, 1985; CÁSSERTES-ASSENÇO *et al.*, 2020). Discorre-se que a melhor idade para um diagnóstico adequado é aos cinco anos, quando crianças saudáveis tendem a apresentar um grande inventário de categorias linguísticas já consolidadas em sua produção (HERMONT, 2005).

Além da própria diferenciação entre a aquisição típica e aquisição atípica, estudos sobre aquisição da linguagem fornecem um inventário adequado para distinguir dois tipos de déficits comumente observados na aquisição atípica infantil: o atraso e o desvio (VARGAS *et al.*, 2015). De acordo com Schirmer *et al.* (2004), o atraso caracteriza-se pela progressão da linguagem na sequência correta, porém, em ritmo lento. Nesse caso, o desempenho da criança é identificado como similar ao de uma criança com idade inferior. Por outro lado, o desvio caracteriza-se como uma alteração no padrão do desenvolvimento, sendo entendido como uma aquisição qualitativamente anômala da linguagem.

O atraso na linguagem, de acordo com a Sociedade Portuguesa de Neuropediatria, atinge cerca de 5% a 10% das crianças com idade entre 3 e 6 anos.⁷ Como dito anteriormente, a aquisição segue seu rumo adequado embora mais tarde do que a idade habitual para cada etapa. O diagnóstico dessa patologia só pode ser fornecido levando em consideração um inventário das fases de aquisição em crianças saudáveis. Schirmer *et al.* (2004), por exemplo, afirmam que uma criança de 24 meses já possui um vocabulário de cerca de 150 palavras e realiza frases em que há combinação de duas ou três palavras. Uma criança por volta da mesma idade ou com idade superior que não realize tais atividades, com ausência de qualquer outro déficit cognitivo, pode, depois de excluídos demais fatores de diagnóstico para outras patologias, ser diagnosticada com atraso na linguagem

⁷ Disponível em: <https://neuropediatria.pt/index.php/pt/para-os-pais/atraso-na-linguagem>. Acesso em: 15 de junho de 2021.

O Desvio Fonológico, por sua vez, ocorre quando o desenvolvimento não é atingido espontaneamente e/ou na mesma sequência constatada no maior número de crianças, nem dentro da faixa etária mencionada (LAMPRECHT, 1999). O desvio não se caracteriza como uma desordem, mas por um sistema que segue regras diferentes das esperadas no processo de aquisição típica, havendo diferenças relevantes entre a produção da criança e a língua-alvo (LAMPRECHT *et al.*, 2004).

Lamprecht *et al.* (2004), ao analisarem a produção de uma criança de 7 anos e 1 mês com desvio fonológico, destacaram na produção de sentenças como “Adoro comer banana, abacaxi e galinha” [a'tɔju ku'me pa'nãna apaka'si i ka'mina] e “Tenho medo de aranha, abelha, cobra, jacaré e coruja” ['tenu 'metu tʃi a'lãna, a'pena, 'kɔpa, saka'wɛ i ku'lusa], os seguintes tópicos: (i) ausência de obstruintes sonoras, sendo substituídas por um par surdo ou por outro segmento surdo; (ii) ausência de fricativas coronais [-anteriores], sendo substituídas pela [+anterior] /s/; (iii) ausência da nasal palatal /ɲ/, sendo substituída pela alveolar /n/; e (iv) ausência de *onset* complexo. Todas essas afirmações feitas pelos autores são possíveis apenas a partir de uma comparação com um inventário de ordem da aquisição fonológica do português, descrito no mesmo material.

Além da prática clínica, é possível destacar também *a contribuição que os estudos de aquisição de linguagem apresentam no âmbito pedagógico*. Saleh (2008, p. 157) afirma que o estudo da aquisição normalmente não tem em sua base um compromisso com questões que “envolvem a escola e a relação da criança com a linguagem de maneira geral, e especialmente com a escrita”, mas a relação entre esses fatores tem motivado muitos pesquisadores a discutirem sobre o tema.

Estudos como os França *et al.* (2004) mostram que a quantidade de equívocos, considerados formalmente como “erros”, observados na avaliação da escrita de alunos em processo de alfabetização, parecem estar correlacionados a fatores de produção oral. Em seu trabalho, as autoras comparam a produção escrita de sujeitos saudáveis com a daqueles em que se observa uma desorganização fonológica oral. Foi observado que, na produção escrita destes, havia também uma desorganização. Com isso, concluíram que a aquisição fonológica é um fator preditivo para o desenvolvimento da escrita.

Outro exemplo pode ser visto no estudo de Andrade *et al.* (2019). Essas autoras observaram que a iconicidade era um recurso usado por crianças no processo de alfabetização. Em seus dados, verificaram que essa estratégia é utilizada principalmente por crianças mais novas, por volta dos 4 anos, mas também, ainda que em menor frequência, por crianças mais velhas, por volta dos 6 anos. Tal estratégia, no que diz respeito à leitura de itens lexicais, consiste na relação entre o tamanho dos objetos e o tamanho das palavras a que se relacionam. As autoras, a partir dos resultados

obtidos, apresentam uma discussão sobre o modo como podem ser feitas as estratégias de leitura em processo de alfabetização.

Diversos estudos sobre ensino de língua materna ressaltam a diferença entre a aquisição da linguagem oral e o processo de incorporação da linguagem escrita. Muitas dessas pesquisas também evidenciam que os equívocos observados na escrita podem ser explicados a partir das características da língua materna que as crianças estão adquirindo (CAGLIARI, 1996; LEMLE, 2009; KENEDY, 2018). Dessa forma, entende-se que os métodos de alfabetização precisam ser definidos levando em consideração também a etapa que a criança está percorrendo na aquisição da linguagem.

4 Considerações Finais

Buscou-se, neste trabalho, discutir sobre as contribuições do estudo de aquisição da linguagem que extrapolam os limites da pura descrição do processo de incorporação de uma língua materna em termos de entendimento do processo e ordem de aquisição. Revisou-se, portanto, como tais investigações podem fornecer evidências importantes para a descrição da organização interna da linguagem e para a proposição de intervenções práticas dirigidas ao público infantil, entendidas como clínicas ou pedagógicas.

Do ponto de vista da contribuição para a teoria linguística, observou-se que tais investigações apresentam um material complexo para entender a organização da estrutura das línguas e sua representação mental, bem como formular hipóteses sobre a perda linguística e compreender o processo de mudança, processo inerente a todas as línguas. Do ponto de vista da contribuição para a prática clínica fonoaudiológica, mostrou-se como tais estudos fornecem um material descritivo para diferenciar aquisição típica e atípica bem como compreender as diferenças entre as patologias que podem acometer o público infantil no que concerne à linguagem. Do ponto de vista da contribuição para a prática educacional, mostrou-se como tais estudos permitem compreender as dificuldades apresentadas pelas crianças em processo de alfabetização e letramento.

Com este material, espera-se que estudantes e pesquisadores da área possam enxergar as diferentes contribuições que suas pesquisas podem apresentar para outros ramos da ciência e também para um entendimento mais amplo do que caracteriza o ser humano. É importante salientar que as contribuições descritas ao longo deste artigo não são as únicas que podem ser observadas nos estudos de aquisição de linguagem, mas tratam-se apenas de algumas exemplificações que mostram como a Linguística é uma ciência que contém mútuas colaborações em seus subdomínios e apresenta íntimas relações com outras áreas de conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. M. **Anotações de curso 'Fonologia'**. Campinas: UNICAMP, 1992.
- ADLER, A. N. **Syntax and Discourse in the Acquisition of Adjunct Control**. 2006, 230f. Tese (Doutorado em Linguística). Department of Linguistics and Philosophy, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 2006.
- ALTVATER-MACKENSEN, N.; FIKKERT, P. The acquisition of the stop-fricative contrast in perception and production. **Lingua**, v.120, n.8, p. 1898-1909, 2010.
- ANDRADE, I. R.; MACHADO, A. L. N.; FRANÇA, A. I. Os efeitos da iconicidade na pré-alfabetização: um estudo psicolinguístico de pareamento figura-palavra escrita. **Ilha do Desterro**, v. 72, n. 3, p. 175-199, 2019.
- ANDERSEN, R.; SHIRAI, Y. Primacy of Aspect in First and Second Language Acquisition: The pidgin/creole connection. In: RITCHIE, W.; BHATIA, T. (Org.). **Handbook of second language acquisition**. San Diego, CA: Academic Press., 1996. p. 527-570.
- ARAÚJO, T. S. N. **Aquisição de aspecto no português do Brasil**. 2015, 140f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- AZPIROZ, M. I.; SEGUROLA, M. J. E. La resolución anafórica en la adquisición del euskera. In: **Empiricism and analytical tools for 21 Century applied linguistics: selected papers from the XXIX International Conference of the Spanish Association of Applied Linguistics (AESLA)**. Ediciones Universidad de Salamanca, 2012. p. 65-75.
- BAAUW, S. La Adquisición de la Correferencia Pronominal en Español. In: BOK-BENNEMA, R. (Org.). **La oración y sus constituyentes: estudios de sintaxis generativa**. Leiden: Brill, 2002. p.59-70.
- BENSON, D. F.; GESCHWIND, N. The aphasias and related disturbances. In: MESULAN, M. **Principle of behavioral neurology**. Philadelphia: FA Davis, 1985. p. 193-238.
- BOK-BENNEMA, R. Evidence for an aspectual functional head in French and Spanish. In: OOSTENDORP, M V.; ANAGNOSTOPOULOU, E. (Org.). **Progress in grammar, articles on the 20th anniversary of the comparison of grammatical models group in Tilburg**. Amsterdam: Roquade, 2001.
- BRAGA, M. M. **O traço aspectual no agramatismo: reformulando a hipótese da poda da árvore**. 2004, 78f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1996.
- CÁRCERES-ASSENÇO, A. M.; GIUSTI, E.; GÂNDARA, J. P.; PUGLISI, M. L.; TAKIUCHI, N. Por que devemos falar sobre transtorno do desenvolvimento da linguagem. **Audiol.**, v.25, p.1-3, 2020.
- CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. The Hague: Mouton, 1957.
- CHOMSKY, N. A Review of B. F. Skinner's Verbal Behavior. **Language**, v. 35, p. 26-58, 1959.
- CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, N. **Knowledge of Language: its Nature, Origin, and Use**. New York: Praeger, 1986.
- CHOMSKY, N. **Language and problems of knowledge: The Managua lectures**. Cambridge, MA: MIT Press, 1988.
- CHOMSKY, N. **The minimalist program**. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, N.; HALLE, M. **The Sound Pattern of English**. New York: Harper and Row, 1968.

- CINQUE, G. **Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective**. New York: Oxford University Press, 1999.
- CLEMENTS, G. N.; HUME, E. The internal Organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, J. (Org.). **The Handbook of Phonological Theory**. Oxford: Blackwell, 1995. p. 245-306.
- CONROY, A.; THORTON, R. Children's knowledge of Principle C in discourse. In: OTSU, Y. (Org.). **Proceedings of the Sixth Tokyo Conference on Psycholinguistics**. Tokyo: HituziSyobo Publishing Company, 2005. p. 69-94.
- CORREA, L. M. S. Aquisição da linguagem: uma retrospectiva dos últimos trinta anos. **DELTA**, v. 15, p. 339-383, 1999.
- CORRÊA, E. F. S. A ideia de mudança em Hermann Paul e seu legado no gerativismo e na sociolinguística variacionista. **Diadorim**, v. 8, p. 27-42, 2011.
- CRISTÓVÃO, S. **A co-referência nos pronomes objecto directo na aquisição do português europeu**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2006.
- CUNHA, A. F.; COSTA, M. A.; MARTELOTTA, M. E.. Linguística. In: MARTELOTTA, M. E.. (Org.). **Manual de Linguística**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2008. p.13-30.
- DUMBAR, E.; IDSARDI, W. The Acquisition of Phonological Inventories. In: LIDZ, J.; SNYDER, W.; PATER, J. (Org.). **The Oxford Handbook of Developmental Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2016, p. 7-26.
- ELBOURN, P. On the Acquisition of Principle B. **Linguistic Inquiry**, v. 36, n. 6, p. 333-365, 2005.
- FRANÇA, M. P.; WOLFF, C. L.; MOOJEN, S.; ROTTA, N. T. Aquisição da linguagem oral: relação e risco para a linguagem escrita. **Arq. Neuropsiquiatr.**, v.62, n.2, p. 469-472, 2004.
- GOMES, J. C. S. G.; MARTINS, A. L.; RODRIGUES, F. C. The linguistic impairment of the perfect aspect in Alzheimer's Disease and Logopenic Primary Progressive Aphasia. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 4, p. 1-22, 2021.
- GOMES, J. C. S. G.; MARTINS, A. L.; RODRIGUES, F. C. A deterioração do aspecto *perfect* associado ao presente na Doença de Alzheimer: dados de produção semiespontânea. Em preparação.
- GROBER, E.; BANG, S. Sentence comprehension in Alzheimer's disease. **Developmental Neuropsychology**, v. 11, p. 95 - 107, 1995.
- GRODZINSKY, Y. **Theoretical perspectives on language deficits**. Cambridge: MIT Press, 1990.
- GROLLA, E. A aquisição do princípio C da teoria de ligação em português brasileiro: questões metodológicas. **Revista de Estudos Linguísticos**, v. 21, n 2, p. 9-34, 2013.
- HAUSER, M.; CHOMSKY, N.; FITCH, T. The Faculty of Language: What Is It, Who Has It, and How Did It Evolve?. **Science**, v. 298, p. 1569 - 1579, 2002.
- HERMONT, A. B. **Tempo e aspecto no DEL**. 2005, 272f. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- JAKOBSON, R. **Child language, aphasia, and phonological universals**. The Hague: Mouton, 1941.
- JAKOBSON, R; FANT, G; HALLE, M. **Preliminaries to Speech Analysis**. Cambridge: MIT Press, 1952.
- KATO, M. A. A evolução da noção de parâmetros. **D.E.L.T.A.**, v. 18, n. 2, p. 309-337, 2002.
- KENEDY, E. O problema do analfabetismo funcional no Brasil sob uma análise psicolinguística. In: MAIA, M. A. R. (Org.). **Psicolinguística e educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2018. p. 81-102.

- KIPARSKY, P. Linguistic Universals and Linguistic Change. In: BACH, E.; HARMS, R. (Org.). **Universals in Linguistic Theory**. Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1968. p. 170-202.
- KING, R. **Historical Linguistics and Generative Grammar**. New Jersey: Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1969.
- LAMPRECHT, R. R. Diferenças no ranqueamento de restrições como origem de diferenças na aquisição fonológica. **Letras de Hoje**, v. 34, n.3, p. 65-82, 1999.
- LAMPRECHT, R. R. (Org.). **Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídio para a terapia**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LEMLE, M. **Guia prático do alfabetizador**. 17ª ed. São Paulo: Ática, 2009.
- LENNEBERG, E. **Biological Foundations of Language**. New York: Wiley, 1967.
- LESSA, A. T. M. **Dissociação entre Tempo e Aspecto à luz da aquisição da linguagem**. 2015, 168f. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- LIGHTFOOT, D. **How to set parameters: Arguments from language change**. Cambridge, MA: MIT Press, 1991.
- LIGHTFOOT, D. Grammatical Approaches to Syntactic Change. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (Org.). **The Handbook of Historical Linguistics**. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2003. p.495-508.
- LIGHTFOOT, D. **Born to parse: how children select their languages**. Cambridge: The MIT Press, 2020.
- LOPES, E. M. B.; CARVALHO, D. S. Mudança linguística e gramática gerativa: uma perspectiva de aquisição da linguagem. **LaborHistórico**, v.5, n.1, p. 166-183, 2019.
- MESULAM, M. Slowly progressive aphasia without generalized dementia. **Annals of Neurology**, v. 11, n. 6, p. 592-598, 1982.
- MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. **Novo Manual de Sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.
- NESPOLI, J. B. **Representação mental do perfect e suas realizações nas línguas românicas: um estudo comparativo**. 2018, 178f. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- OUHALLA, J. **Functional categories and parametric variation**. London: Routledge, 1991.
- PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- POLLOCK, J. Y. Verb movement, universal grammar and the structure of IP. **Linguistic Inquiry**, v. 20, p. 365 - 424, 1989.
- RADFORD, A. **Syntactic Theory and the Acquisition of English Syntax**. Oxford: Blackwell Publishers, 1993.
- RIBOT, T. A. **Diseases of memory: an essay in the positive psychology**. Washington: University Publications of America, 1883.
- RODRIGUES, N. P. S.; MARTINS, A. L. Evidências advindas da aquisição do português do Brasil para os tipos de 'perfect'. **Revista Linguística**, v. 15, n. 3, p. 161-184, 2019.
- ROHDE, D.; PLAUT, D. Language acquisition in the absence of explicit negative evidence: how important is starting small? **Cognition**, v. 72, p. 67-109, 1999.
- SALEH, P. B. O. Aquisição de linguagem e ensino de língua materna: um lugar para a subjetividade. **Uniletras**, v. 30, n. 1, p. 157-172, 2008.

SCHIRMER, C.; FONTOURA, D.; NUNES, M. Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem. **Jornal de Pediatria**, v. 80, n.2, p. 95-103, 2004.

SGURDSSON, H. Meaningful silence, meaningless sounds. **Linguistic variation yearbook**, v. 4, p. 235-259, 2004.

SKINNER, B. F. **Verbal Behavior**. California: Copley Press, 1957.

SOUZA, P. C.; SANTOS, R. S. Fonologia. In: FIORIN, J. (Org.). **Introdução à Linguística II: princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 33-58.

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VARGAS, D. Z.; MEZZOMO, C. L.; FREITAS, C. R. Atraso de linguagem e desvio fonológico: um continuum ou duas patologias distintas?. **Revista CEFAC**, v. 17, n.3, p. 751-758, 2015.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Recebido em: 11/7/2022

Aprovado em: 8/9/2022